

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 252

14 de junho de 2014

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor, não cite nem divulgue este material.

Boa noite a todos, sejam bem-vindos.

Hoje eu queria ler e comentar aqui para vocês um breve estudo que fiz para o *Digesto Econômico*.

A vantagem de escrever para o *Digesto Econômico* é que os artigos são bem maiores, então dá para se explicar direitinho. Os artigos na mídia brasileira estão cada vez menores, de maneira que dá apenas para expor uma opinião, e não para defendê-la de algum modo — o que certamente empobrece muito o “debate”. Mas no *Digesto* a gente tem um espaço maior; com a desvantagem de que eles demoram muito para publicar (isso aqui provavelmente só vai sair dentro de um mês). Então eu não posso colocá-lo online para vocês, porque ainda é um negócio inédito. Mas posso ler aqui e acrescentar algumas explicações, que serão mais úteis para os alunos do Seminário do que para o público em geral. E trata justamente do problema da educação. O título é “A destruição da inteligência” [*Digesto Econômico*, 14 de julho de 2014].

Aprender, imitar e introjetar o vocabulário, os tiques e trejeitos mentais e verbais da escola de pensamento dominante na sua faculdade é, para o jovem estudante, um desafio colossal e o cartão de ingresso na comunidade dos seus maiores, os tão admirados professores.

A aquisição dessa linguagem é tão dificultosa, apelando aos recursos mais sutis da memória, da imaginação, da habilidade cênica e da autopersuasão, que seria tolo concebê-la como uma simples conquista intelectual. Ela é, na verdade, um rito de passagem, uma transformação psicológica, a criação de um novo “personagem”, apoiado no qual o estudante se despirá dos últimos resíduos da sentimentalidade doméstica e ingressará no mundo adulto da participação social ativa.

Aqui estou me reportando — de maneira mais ou menos implícita — ao que eu disse em “O imbecil juvenil”: você está se esforçando para se adaptar a uma comunidade, a qual não se constitui somente de um corpo de conhecimentos, mas de um conjunto de hábitos, sentimentos compartilhados, expectativas, regras explícitas e implícitas de comportamento etc. etc.

Então, é um processo muitíssimo complexo, porque acompanha, de certo modo, o desenvolvimento natural do indivíduo, da adolescência para a idade madura — ou pelo menos para aquilo que ele imagina que seja a idade madura. Portanto, adaptar-se ao ambiente da faculdade, depois de sair do colégio, representa para o aluno a conquista da maturidade: é

onde ele vai se tornar um cidadão ativo, e perder as últimas referências da autoridade materna e paterna e passar a ter uma outra autoridade — que curiosamente ele não interpreta como autoridade —, a qual é justamente a autoridade do meio social, autoridade dos pares, autoridade da patota. Esta adaptação é de fato uma mudança psicológica integral, na qual, como veremos, o elemento intelectual pesa muito pouco.

É quase impossível que essa identificação profunda com o personagem aprendido não seja interpretada subjetivamente como uma concordância intelectual, ao ponto de que, no instante mesmo em que repete fielmente o discurso decorado, ou no máximo faz variações em torno dele, o neófito jure estar “pensando com a própria cabeça” e “exercendo o pensamento crítico”.

O que me inspirou para escrever isso foi um aluno que me escreveu no Facebook, dizendo que as duas frases que ele mais ouve na faculdade são “eu penso com a minha própria cabeça” e “você não respeita a opinião alheia”. Então decidi fazer um comentário sobre cada uma.

“Você não respeita a opinião alheia” é aquilo que eu já expliquei no próprio Facebook, só existem três sentidos em que você pode respeitar a opinião alheia: (a) o primeiro é quando há efetivamente uma multiplicidade de opiniões — todas valiosas —, cada uma apreendendo um aspecto da realidade, mas nenhuma dando conta da realidade inteira e exata, então elas são todas igualmente respeitáveis; (b) na segunda hipótese, você está em dúvida sobre várias opiniões; então aceita, mais ou menos, todas elas; (c) e a terceira hipótese é quando você tem a certeza de que apreendeu a verdade, que a sua opinião é verdadeira, mas você reconhece aos outros o direito de ter uma opinião errada.

Portanto, “respeitar a opinião alheia” é uma expressão absolutamente vazia. Porque nos dois primeiros casos não você não tem opinião nenhuma, e no terceiro caso, respeitar a opinião do outro significa justamente fazer um esforço para analisá-la e contestá-la. Se você concede ao outro esta honra de ser discutido e contestado ele deveria se dar por satisfeito; mas, no Brasil, quando você argumenta contra uma opinião, considera-se que você desrespeita a opinião e que está oprimindo o sujeito. A demonstração lógica é considerada uma opressão: é a tirania do *logos*.

Aqui estou analisando o negócio do “pensar por si mesmo”.

A imitação é, com certeza, o começo de todo aprendizado, mas ela só funciona porque você imita uma coisa, depois outra, depois uma infinidade delas, e com a soma dos truques imitados compõe no fim a sua própria maneira de sentir, pensar e dizer.

No aprendizado da arte literária isso é mais do que patente. O simples esforço de assimilar auditivamente a maneira, o tom, o ritmo, o estilo de um grande escritor já é uma imitação mental, (...)

É como se você estivesse repetindo mentalmente uma música.

(...) uma reprodução interior daquilo que você está lendo. A imitação torna-se ainda mais visível quando você decora e declama poemas, discursos, sermões ou capítulos de uma narrativa. (...)

No Brasil, isso na verdade é até raridade, mas outro dia mesmo, eu estava assistindo ao filme *O Jovem Winston*, e aparece lá o exame no colégio militar de Harrow, onde os camaradas têm de decorar trechos inteiros de discursos, e ele [o personagem Winston Churchill] aparece com o discurso de Lord Macaulay e se sai muito bem. Às vezes o sujeito tinha de decorar um

negócio de dez páginas — não era só decorar um soneto, ou uma coisa assim. Mas se você decora isto, então aí que você está imitando mesmo; porque decorar é produzir de novo aquilo que já foi produzido, segundo o modelo dado.

(...) Porém nas suas primeiras investidas na arte da escrita é impossível que você não copie, adaptando-os às suas necessidades expressivas, os giros de linguagem que aprendeu em Machado de Assis, Eça de Queiroz, Camilo Castelo Branco, Balzac, Stendhal e não sei mais quantos. Esse exercício, se você é um escritor sério, continua pela vida a fora. Quando conheci Herberto Sales — que Otto Maria Carpeaux julgava o escritor dotado de mais consciência artística já nascido neste país —, ele estava sentado no saguão do Hotel Glória com um volume de Proust e um caderninho onde anotava cada solução expressiva encontrada pelo romancista, para usá-la a seu modo quando precisasse. Já era um homem de setenta e tantos anos, e ainda estava praticando as lições do velho Antoine Albalat. (...)

Estou me referindo a um livro do Antoine Albalat, de 1901, que muitos escritores brasileiros usaram para seus treinamentos, chamado *La Formation de Style par l'Assimilation des Auteurs* (A Formação do Estilo pela Assimilação dos Autores).

(...) É assim, por acumulação e diversificação dos recursos aprendidos, que se forma, *pari passu* com a evolução natural da personalidade, o estilo pessoal que singulariza um escritor entre todos. T. S. Eliot ensinava que um escritor só é verdadeiramente grande quando nos seus escritos transparece, como em filigrana, toda a história da arte literária.

Daí que vem aquela frase do Jorge Luís Borges: “*para compreender um único livro é preciso ter lido muitos livros*”; porque está tudo repleto de alusões, citações veladas e ecos de coisas lidas. Em suma: qualquer livro é uma participação num diálogo que vem ao longo dos tempos. E, principalmente, nos poemas do T.S. Eliot, você encontra neles Homero, Virgílio, Dante, ecoando de alguma maneira. Não que ele esteja repetindo; ao contrário, ele está dialogando com esses autores. E se você não sabe do que ele está falando e com quem ele está falando, você perde muito. Mais ainda nos escritos do Ezra Pound, que são declaradamente, propositadamente, um diálogo com a tradição — incluindo autores chineses, persas etc. —, ou seja, uma montanha de autores.

Em outros tipos de aprendizado, a imitação é ainda mais decisiva. Nas artes marciais e na ginástica, [0:10] quantas vezes você não tem de repetir o gesto do seu instrutor até aprender a produzi-lo por si próprio! Na música, quantas *performances* magistrais o pianista não aprende de cor até produzir a sua própria!

Nas ciências e na tecnologia, o manejo de equipamentos complexos nunca se aprende só em manuais de instrução: o aluno tem de ver e imitar o técnico mais experiente, num processo de assimilação sutil que engloba, em doses consideráveis, a transmissão não-verbal.

Até dei uma aula sobre isso, baseada no livro do Theodore M. Porter, *Trust in Numbers* (A Confiança nos números: A Busca da Objetividade na Ciência e na Vida Pública). Eu não lembro quando foi essa aula, mas considero esse livro muito importante. Ao ponto de que alguns teóricos da ciência dizem que a reprodução perfeita de um experimento científico é impossível, porque as variáveis pessoais no manejo dos instrumentos de medição são tantas que você nunca tem um controle perfeito do que está acontecendo. E se você diz: “Ah! vamos fazer um processo mais impessoal de controle, joga tudo para os computadores”; então os computadores fazem operações que são tão complexas que nenhum ser humano pode conferir se estão certas ou erradas. Portanto você passou da mera fé no experimento científico à fé no computador.

Por que seria diferente na filosofia? Compreender uma filosofia não se resume nunca em ler as obras de um filósofo e julgá-las segundo uma reação imediata ou as opiniões de um professor. É impregnar-se de um modo de ver e pensar como se ele fosse o seu próprio, é olhar o mundo com os olhos do filósofo, com ampla simpatia e sem medo de contaminar-se dos seus possíveis erros. (...)

Esses erros às vezes são muito importantes: existem erros que são etapas decisivas na dialética da descoberta, na busca da verdade. Se você não cometesse aquele erro, naquele momento, você não ia conseguir em seguida entender o que entendeu, compreender o que compreendeu e descobrir o que descobriu. Então esses erros não são absolutamente inúteis. A História da Filosofia está repleta destes exemplos.

(...) Se desde o início você já lê com olhos críticos, buscando erros e limitações, o que você está fazendo é reduzir o filósofo à escala das suas próprias impressões, em vez de ampliar-se até abranger o “universo” dele. Erros e limitações não devem ser buscados, devem surgir naturalmente à medida que você assimila novos e novos autores, novos e novos estilos de pensar, pesando cada um na balança da tradição filosófica e não da sua incultura de principiante (...)

É isso que tenho recomendado desde o início, baseado sobretudo naquele conselho de Leibniz, que dizia: *"eu acredito em tudo quanto leio"*; e Leibniz foi o homem mais inteligente depois de Aristóteles. Li isso quando era muito jovem e falei: existe uma dica aí; e se você já lê discutindo mentalmente com o autor, você está criando a sua própria opinião e não está pegando a dele; portanto não está enriquecendo a sua com aquilo que ele poderia lhe dar.

Uma vez o Fritjof Schuon escreveu isso — e acho uma coisa muito certa —, ele diz: *"a primeira impressão de concordância que você tem com um texto que lê não quer dizer que você o compreendeu, mas apenas que tem aptidão de compreendê-lo"*. Quer dizer que se você sente uma afinidade imediata, então você tem aptidão de compreender aquilo, mas uma verdadeira concordância requer muito mais do que isso. Nós vamos ver daqui a pouquinho.

(...) Erros e limitações não devem ser buscados, devem surgir naturalmente à medida que você assimila novos e novos autores, novos e novos estilos de pensar, pesando cada um na balança da tradição filosófica e não da sua incultura de principiante (...)

Note bem: não só da tradição filosófica, mas é quando você tenta pensar como o filósofo pensou e leva aquilo até as suas últimas consequências, que você percebe a limitação. Se você ler o meu livro sobre Descartes, verá que fiz exatamente isto: eu peguei o método que ele descrevia nas *Meditações de Filosofia Primeira* e falei: bom, eu vou fazer o que ele fez, do jeito que ele deu a receita aqui. E isso chega a um ponto em que o negócio esbarra numa dificuldade absolutamente intransponível; e daí você vê uma limitação. Não foi você quem a buscou; você, honestamente, tentando fazer o que ele diz para fazer, chegou num beco sem saída.

Isto aí é como um soldado que obedece ao superior: se ele recebe uma ordem e a cumpre errado, ou a modifica, ele nunca vai saber se o erro foi do superior ou seu. Ao passo que se cumprir exatamente, e der tudo errado, ele pode dizer: “foi o coronel que mandou, foi o capitão que mandou e eu fiz igualzinho, então a culpa é dele e não minha”.

Na filosofia é exatamente a mesma coisa: você tem de seguir a receita até que ela se revele ou frutífera, ou inviável. Eu fiz isso com Descartes, fiz isso com Kant, fiz isso com Hegel e quando

cheguei numa limitação não fui eu que a coloquei lá porque queria, ou porque queria sacanear o filósofo: é porque não dava mesmo.

(...) Não seria errado dizer que, entre outros critérios, um professor de filosofia deve ser julgado, sobretudo, pelo número e variedade dos autores, das escolas de pensamento, das vias de conhecimento que abriu em leque para que seus estudantes as percorressem. [1]

Inclusive aqui eu coloquei uma notinha:

[1] Digo isso com a consciência tranqüila de haver cumprido esse dever.

Vocês são testemunhas disso. Eu coloquei no ambiente mental brasileiro mais autores e livros importantes do que todas as faculdades de filosofia reunidas e somadas com os formadores de opinião da mídia. Acho que tem a lista parcial, pelo menos, na própria página do Seminário. Isto é obrigação da gente.

Agora, no Brasil, se o sujeito leu alguma coisa, ele se coloca na frente do autor de onde tirou e tenta dizer que foi ele mesmo que inventou. É aquele negócio do Chico Anysio: "Gostou da piada? Leva e diz que é sua". No Brasil, todo mundo faz isto. Você esconde ao invés de divulgar e falar: "Olha, eu estou explicando isto aqui para vocês, mas no livro tal tem uma explicação muito mais completa, muito mais sólida etc., etc." É obrigação sua fazer isso, e não é vergonha nenhuma. Agora, no Brasil, o pessoal parece que tem vergonha de fazer isso.

Eu lembro que, no seu tempo, José Guilherme Merquior era criticado porque citava muitos livros. Mas isso era obrigação dele! Ele não era professor universitário?! Ele tinha de dizer o máximo de fontes que usou, para abrir o leque de discussões possíveis para todos os seus alunos e leitores. Portanto estava apenas cumprindo sua obrigação. Mas, no Brasil, isso é interpretado como pedantismo.

Havia quem usasse a expressão "terrorismo da erudição". Você tem aqui o "terrorismo da lógica", ou seja, se você argumenta contra o cara, você está aterrorizando ele, está oprimindo o coitadinho; se você cita as fontes, isto é "terrorismo da erudição". Claro que no fundo disto existe a opção preferencial pela ignorância e pelo fingimento.

No Brasil, o que interessa realmente é ser ignorante e fingir conhecimento, às vezes, aproveitando-se do autor que você está desancando no mesmo momento. Muita gente faz isto comigo: fala mal de mim e usa as coisas que aprendeu comigo. Isto é quase que norma geral. O sujeito às vezes com dez anos de atraso começa a falar do Foro de São Paulo, dos documentos do Obama etc., e daí fala: "Não! esse Olavo não está com nada". Eu não ligo pra essas coisas, tudo isso para mim é cômico. Mas a pessoa que faz isso está prejudicando a si mesma e está prejudicando os seus leitores; está falseando a história intelectual do país.

Não é preciso mais exemplos. Em todos esses casos, a imitação é o gatilho que põe em movimento o aprendizado, (...)

Ora, se vocês vêem uma criança aprendendo a falar, é exatamente assim. Outro dia estava aqui o Jimmy, filho do Alessandro, e ele olhou os papeizinhos com cola que eu ponho para pegar inseto, e falou: "aqui tem um *snake* pequenininho e um *spider* grandão". Ele está usando o vocabulário que ele pegou no ambiente, misturando tudo, fazendo o samba do japonês doido, mas funciona.

(...) e em todos esses casos ela não se congela em repetição servil porque o aprendizado passa de modelo a modelo, incorporando uma diversidade de percepções e estilos que acabarão espontaneamente se condensando numa fórmula pessoal, irreduzível a qualquer dos seus componentes aprendidos.

Meses atrás, eu coloquei na página do Seminário esta lista: *Influências Intelectuais que Recebi até a Década de 90*, para colocar aqui uma sugestão para os alunos. Eles podem seguir esta mesma seqüência, que não foi determinada por mim [0:20], foi determinada pelo curso das coisas, ou seja, aquilo que chegava até mim, que eu tomava conhecimento que existia e ia buscar — sempre fazendo isto com este espírito de não entrar na leitura como se fosse um mestre ou um juiz que está ali para emitir uma sentença, mas como alguém que está aprendendo com um outro que, mesmo que esteja errado, tem mais experiência do que eu.

Por exemplo, eu posso ler Nietzsche e discordar, mas, evidentemente, Nietzsche era um gênio, e um homem de uma cultura monumental, e de uma experiência tremenda — então algo ele vai ter para me ensinar. Ou o próprio Karl Marx: até esses dias eu estava lendo uma correspondência entre o Otto Maria Carpeaux e o Alceu Amoroso Lima, e o Carpeaux dizia para o Alceu: "claro, nós como católicos (...)", nessa época ele se assumia como católico (tem uma carta da mulher dele ao Alceu, já de 1981, dizendo que o Otto Maria Carpeaux usou até o último dia de sua vida a medalha de São Bento que ele tinha. Então ele continuou católico, mesmo que escondido, continuou). Então ele dizia: "(...) nós temos de combater o marxismo, mas não antes de havê-lo assimilado completamente". O que é uma coisa que para mim é o óbvio dos óbvios.

Eu tenho certeza de que li todas essas coisas e me deixei influenciar profundamente, sem reserva. E isto se traduz, se manifesta da maneira mais clara, nos escritos que fiz nesta época — escritos que, graças a Deus, a maior parte eu não publiquei, o que publiquei morro de vergonha —, onde estou claramente imitando, não só um estilo de escrever, mas um estilo de pensar, um modo de ver as coisas. É por isso mesmo que eu não incorporo os escritos desta época ao que eu considero a minha obra, porque era tudo apenas exercício escolar.

Nos anos 60, por exemplo, você tinha um vocabulário marxista: até me lembro que escrevi pelo menos dois estudos em que eu imitava cem por cento a escola de György Lukács e Lucien Goldmann. Aquilo era o que eu estava aprendendo na época, então eu pensava como eles e escrevia como eles, e graças a isso pude compreendê-los. E quando mais tarde cheguei a encontrar limitação e até os erros, não foi porque os buscasse, mas porque aprendi muito mais coisas que eles não sabiam, daí pude pesar uma coisa pela outra. Eu segui este processo e deu muito certo. E recomendo enfaticamente: você deve ler com inocência e esperar de certo modo que os autores se corrijam uns aos outros, sem se meter na briga.

Tem lá essa lista: são quarenta e uma influências recebidas; não tenho certeza de que a cronologia esteja muito certa — a Roxane aqui é minha testemunha de que sou ruim de data, troco às vezes os tempos —, mas fiz o possível para reconstituir, na medida em que precisava. Também esta ordem não é importante: vejo, por exemplo, aqueles escritos que produzi no tempo em que eu estava ligado a Tariqa do Schuon, e eu estava ali conscientemente imitando um modo de pensar e de falar que era da Escola Tradicionalista. Então eu considero tudo isso exercícios escolares.

Só considero que me tornei um *autor* a partir do episódio que contei para vocês, em que eu estava fazendo a barba, olhei no espelho e disse: "Puxa vida, agora já estou um homenzinho, já sei tudo a meu respeito, então agora posso fazer alguma coisa, porque não sou mais problema para mim mesmo!". Aí eu comecei a ter um pouco de objetividade; até então não, eu estava só

num longo aprendizado, que durou quase trinta anos. O que não é vergonha nenhuma, porque Aristóteles passou vinte anos na Academia Platônica, e nada do que ele produziu ali dentro se incorporou a suas obras, e nada disso determina a imagem que temos de Aristóteles. O que sabemos de Aristóteles é o que ele produziu depois dos trinta e oito, quarenta anos. Eu fui até mais tarde ainda, acho que tinha quarenta e seis anos quando publiquei o meu primeiro livro numa edição comercial; antes eu fazia uns livrinhos só para alunos.

Acho que uma verdadeira faculdade de filosofia deveria dar isso às pessoas, deveria dar este tipo de treinamento: você, durante determinado tempo, vai assimilar esta escola, e vai assimilar tão bem que vai pensar e falar como se fosse um membro dela, e depois você troca; isso não escraviza ninguém, justamente o contrário, passando de imitação a imitação, uma coisa o livra da outra.

Mas o que acontece se, em vez disso, o aluno é submetido, por anos a fio, à influência monopolística de um estilo de pensamento dominante, aliás muito limitado no seu escopo e na sua esfera de interesses, e adestrado para desinteressar-se de tudo o mais sob a desculpa de que “não é referência universitária”?

Ou seja, tudo o que não se lê e não se comenta na faculdade X não é referência universitária, portanto não interessa para você. A própria estreiteza do círculo de interesses dos seus professores lhe é passada como uma coisa que traz autoridade; como portadora de uma autoridade — então é de fato a autoridade da ignorância. Veja, esses escritores, autores todos que pus em circulação: quantas vezes não recebi a crítica de que estava citando autores desconhecidos? São desconhecidos para você, você os desconhece, mas eu os conheço. Então conhecer um autor que o outro desconhece passa a ser um demérito: “eu li e você não leu, portanto quem entende do assunto é você e não eu”.

Se durante quatro, cinco ou seis anos você é obrigado a imitar sempre a mesma coisa, e ainda temendo que o fracasso em adaptar-se a ela marque o fim da sua carreira universitária, a imitação deixa de ser um exercício temporário e se torna o seu modo permanente de ser – um “hábito”, no sentido aristotélico.

É como um ator que, forçado a representar sempre um só personagem, não só no palco mas na vida diária, acabasse incapaz de se distinguir dele e de representar qualquer outro personagem, inclusive o seu próprio. Pirandello explorou magistralmente essa situação absurda na peça *Henrique IV*, onde um milionário louco, imaginando ser o rei, obriga os empregados a comportar-se como funcionários da corte, até que eles acabam se convencendo de que são mesmo isso.

Toda imitação depende de uma abertura da alma, de uma impregnação empática, de uma *suspension of disbelief* em que o outro deixa de ser o outro e se torna uma parte de nós mesmos, sentindo com o nosso coração e falando com a nossa voz. Se praticamos isso com muitos modelos diversos, sem medo das contradições e perplexidades, nossa mente se enriquece ao ponto do *nihil humanum a me alienum* (nada do que é humano me é estranho), daquela universalidade de perspectivas que nos liberta do ambiente mental imediato e nos torna juízes melhores de tudo quanto chega ao nosso conhecimento. Não é errado dizer que o julgamento honesto e objetivo depende inteiramente da variedade dos pontos de vista, contraditórios inclusive, que podemos adotar como “nossos” no trato de qualquer questão.

Estes pontos de vista contraditórios são uma riqueza, são um patrimônio extraordinário, porque eles que nos permitem olhar o objeto sob diversos ângulos e depois tentar articulá-los, que é exatamente o método que fazia Aristóteles: ele começava por fazer o repertório das opiniões dos sábios, e essas opiniões eram evidentemente contraditórias entre si, e depois ele tentava articular uma com a outra, para ver, distinguir, o seguinte: “Sob que aspecto este

filósofo, aquele filósofo tratou do assunto? E vamos ver se esses aspectos não se articulam, formando um todo”.

Em contrapartida, o enrijecimento da alma num papel fixo abusa da capacidade de imitação até corrompê-la e extingui-la por completo, bloqueando toda possibilidade de abertura empática a novos personagens, a novos estilos, a novos sentimentos e modos de ver.

Habitado a tomar como referência única o conjunto de livros e autores que compõe o universo mental da esquerda militante, e a olhar com temerosa desconfiança tudo o mais, o estudante não só se fecha num provincianismo que se imagina o centro do mundo, mas perde realmente a capacidade de aprendizado, tornando-se um repetidor de tiques e chavões, caquético antes do tempo.

Quem não sabe que, no meio acadêmico brasileiro, a receita uniforme, há mais de meio século, é Marx-Nietzsche-Sartre-Foucault-Lacan-Derrida, não se admitindo outros acréscimos senão os que pareçam estender de algum modo essa tradição, como Slavoj Žižek, Istvan Meszaros ou os arremedos de pensamento que levam, nos EUA, o nome de “estudos culturais”?

Isso é tudo o que as pessoas lêem. [0:30]

Daí a reação de horror sacrossanto, de ódio irracional, não raro de repugnância física, com que tantos estudantes das nossas universidades reagem a toda opinião ou atitude que lhes pareça antagônica ao que aprenderam de seus professores. Não que estejam realmente persuadidos, intelectualmente, daquilo que estes lhes ensinaram. Se o estivessem, reagiriam com o intelecto, não com o estômago. O que os move não é uma convicção profunda, séria, refletida: é apenas a impossibilidade psicológica de desligar-se, mesmo por um momento, do “eu” artificial aprendido, cuja construção lhes custou tanto esforço, tanto investimento emocional.

Não é, portanto, que o indivíduo esteja convencido realmente daquilo que ele está defendendo; não, na hora que ele defende aquilo, ele está defendendo a si mesmo, ele está, vamos dizer, reclamando de que você o coloca numa posição que é estranha a ele, na qual ele se sente desconfortável e amedrontado, e, às vezes, até ofendido.

Justamente, a convicção intelectual genuína só pode nascer da experiência, do contato demorado com os aspectos contraditórios de uma questão, o que é impossível sem uma longa resignação ao estado de dúvida e perplexidade. A intensidade passional que se expressa em gritos de horror, em insultos, em afetações de superioridade ilusória, marca, na verdade, a fragilidade ou ausência completa de uma convicção intelectual. (...)

O apego que você tem a uma opinião, ou a um modo de dizer, ou a um modo de pensar, não é uma convicção intelectual verdadeira, ele é apenas um apego emocional, não é mais nada do que isso; e, esse apego emocional, às vezes, não é tanto ao conteúdo explícito daquela idéia, mas a simples fórmula repetível, que lhe dá uma sensação de segurança e familiaridade, o que significa que você não precisa nem entender aquela fórmula, basta que ela lhe dê esta sensação de familiaridade e de conforto e de pertinência a um grupo.

(...) A construção em bloco de um personagem amoldado às exigências sociais e psicológicas de um ambiente ideologicamente carregado e intelectualmente pobre fecha o caminho da experiência, portanto de todo aprendizado subsequente.

É por isso que eu não gosto de usar a expressão “doutrinação” — as pessoas falam doutrinação esquerdista nas escolas —, pois a palavra “doutrinação” remete à doutrina, e, claro, você só pode ter uma doutrina se você tem outra a qual ela se opõe, então você tem que conhecer mais ou menos as duas. Eu acho que isso não é uma doutrinação, isso é uma

impregnação: impregnação de atitudes, de cacoetes, de sentimentos, e não uma adesão intelectual a uma doutrina. Você pode dizer que existe doutrinação em um seminário católico, onde o indivíduo fica estudando a doutrina católica, tem que conhecê-la de trás para diante.

Agora, você acha que esse pessoal esquerdista conhece a doutrina marxista? Mesmo antigamente, eu lembro que, no tempo em que eu estava ligado nesses meios, eu só tinha conhecido três negos que estudavam marxismo, que era eu; o Roberto Negrão de Lima, que era um aristocrata, neto do governador da Guanabara; e o Nabor Caís de Brito, que era um homem de 80 anos. O resto, bicho, você acha que Zé Dirceu, Rui Falcão estudaram marxismo para valer? Vocês estão brincando, porra. Eles pegavam aqueles slogans, aquelas atitudes e imitavam aquilo. E isso era suficiente para as suas demandas intelectuais do momento, que continuaram as mesmas ao longo do tempo.

A irracionalidade da situação é ainda mais enfatizada porque o discurso desse personagem o adorna com o prestígio de um rebelde, de um espírito independente em luta contra todos os conformismos. Poucas coisas são tão grotescas quanto a coexistência pacífica, insensível, inconsciente e satisfeita de si, da afetação de inconformismo com a subserviência completa à autoridade de um corpo docente.

O nego está fazendo o papel de rebelde na mesma hora em que está dizendo “amém” e “sim, senhor”, e não percebe a contradição que está vivendo.

No auge da alienação, o garoto que passou cinco anos intoxicando-se de retórica marxista-feminista-multiculturalista-gayzista nas salas de aula, que reage com quatro pedras na mão ante qualquer palavra que antagonize a opinião de seus professores esquerdistas, jura, depois de ler uns parágrafos de Bourdieu para a prova, que a universidade é o “aparato de reprodução da ideologia burguesa.” (...)

Então é simples: ele não sabe onde está. Se ele foi intoxicado de ideologia anti-burguesa na universidade, então, obviamente, a universidade não pode ser o aparato de reprodução da ideologia burguesa; mas isso é o que ele assegura que ela é, porque ele leu isso, não porque ele experimentou e vivenciou.

(...) Aí já não se trata nem mesmo de “paralaxe cognitiva”, mas de um completo e definitivo divórcio entre a mente e a realidade, entre a máquina de falar e a experiência viva.

Se, conforme se observou em pesquisa recente, cinquenta por cento dos nossos estudantes universitários são analfabetos funcionais — não havendo razão plausível para supor que a quota seja menor entre seus professores mais jovens —, isso não se deve somente a uma genérica e abstrata “má qualidade do ensino”, mas a um fechamento de perspectivas que é buscado e imposto como um objetivo desejável.

Não que a presente geração de professores que dá o tom nas universidades brasileiras tenha buscado, de maneira consciente e deliberada, a estupidação de seus alunos. (...)

Eles não fizeram uma reunião e disseram “vamos estupificar todo mundo”. Não, eles não fizeram isso.

(...) Apenas, iludidos pelo *slogan* que os qualificava desde os anos 60 do século XX como “a parcela mais esclarecida da população”, tomaram-se a si próprios como modelos de toda vida intelectual superior e acharam que, impondo esses modelos a seus alunos, estavam criando uma plêiade de gênios. (...)

Porque os gênios eram eles mesmos.

(...) Medindo-se na escala de uma grandeza ilusória, incapazes de enxergar acima de suas próprias cabeças, tornaram-se portadores endêmicos da síndrome de Dunning-Kruger e a transmitiram às novas gerações. (...)

Síndrome de Dunning-Kruger é a incapacidade que o indivíduo tem de comparar suas habilidades com as dos outros. Como ele não compara, como ele não mede, ele sempre fica “o gostosão”, ou qualquer coisa aí.

(...) Os cinquenta por cento de analfabetos funcionais que eles produziram são a imagem exata da sua síntese de incompetência e presunção.

Então isso foi uma desgraça. Essa geração, que é a minha geração, são os caras que estão com 60 anos agora, eles que dão o tom nas universidades. E, de tanto repetir aquele slogan “nós somos a parcela mais esclarecida da população”, ninguém pôs em dúvida: “Não, espera aí, será que sou esclarecido mesmo? Deixa eu me comparar”.

Isso eu fiz a minha vida inteira. Quando eu estava estudando algum negócio, eu ia tentar ver o que se estava estudando daquilo nas universidades francesas, inglesas e alemãs, para ver se eu estava mais ou menos no nível, se eu estava pelo menos a par da bibliografia, a par do *status quaestionis*, ou seja, do que eles estavam discutindo afinal de contas.

Às vezes eu via que eu estava muito abaixo: então eu não posso dar palpite nisso, porque eu não estou nem entendendo a discussão deles, vamos esperar mais um pouco. E às vezes ao contrário: eu conseguia nivelar aquilo e tinha alguma certeza do que estava falando. Isto é sobretudo o que a universidade deveria dar aos seus alunos: o senso da medida do seu conhecimento, a capacidade de avaliar o que você sabe ou não sabe.

Agora, se só existe uma medida, que é o professor, e o que o professor falou é referência universitária, então acabou, você não compara nada com nada, isso é a medida única, e você está muito satisfeito de si, precisamente no momento em que você está imitando a ignorância daquele professor.

Eu até escrevi outro artiguinho, que foi para a Folha, dando um exemplo característico disso no caso do professor Igor Fuser — acho que esse artigo vai sair no dia 17, mas eu não vejo problema em lê-lo aqui para vocês. Ele é apenas uma ilustração do que eu estou dizendo aqui. Aqui eu estou dando o panorama geral e eu peguei o Igor Fuser como um exemplo característico, dessa transmissão de burrice. O artigo é assim [“Assassinos da inteligência”, Folha de São Paulo, 17 de junho de 2014]:

Pensar, até um burro pensa. O que distingue a espécie humana é sua capacidade de confrontar o pensado com o conjunto dos conhecimentos disponíveis e regular o curso do pensamento pela escala de credibilidade que vai do possível ao verossímil, ao provável ou razoável e, em certos casos, à certeza.

Então isso aí são os quatro discursos. Isso é o que o Aristóteles descobriu — embora ele não tenha formulado exatamente com essas palavras. Você tem ali a escala que lhe permite medir o valor e a solidez de seus conhecimentos. Quando você acredita em alguma coisa, você acredita que isto é apenas possível [0:40]; você acredita que é uma coisa verossímil — verossímil é uma coisa que outras pessoas também concordariam se você dissesse; que é uma coisa razoável, ou seja, que tem um grau de certeza maior do que a mera verossimilhança; ou

você tem certeza absoluta, como dois mais dois são quatro? Se você não sabe medir com esses quatro graus os seus conhecimentos, isso quer dizer que você não sabe nada. Se você não sabe quanto vale o conhecimento, então você não sabe se ele vale alguma coisa ou não vale nada. Portanto, você não sabe coisa nenhuma.

Aristóteles já ensinava isso.

A obrigação estrita da universidade é dar este senso de medida aos alunos. Primeiro dar todo o mostruário das comparações possíveis, e, depois, incentivar no aluno essa análise crítica. Eles vivem falando de crítica, mas só fazem crítica dos outros; e, crítica dos outros não é crítica: crítica dos outros é maledicência. A crítica só funciona quando ela é uma autocrítica em primeiro lugar — eu estou corrigindo o seu erro porque eu já cometi esse erro, eu sei como ele funciona e eu sei que está errado.

É curioso que as pessoas, embora nenhuma universidade dê isso, elas dizem: “não, nós precisamos da universidade para nos dar um método...” Que método? Vocês estão é loucos. Eles não têm a menor idéia do que seja método, meu Deus do céu, a gente está vendo exemplos disso toda hora, é Vladimir Safatle, é Emir Sader, é Igor Fuser — desculpe, eu já ia falar Fúder —, é toda uma cambada que você vê que não enxerga um palmo adiante do nariz, não sabem o que estão falando.

Infelizmente, no Brasil, raros opinadores têm o senso dessas distinções. A maioria imagina que para pensar com proveito basta um pouco de lógica formal e algum domínio dos chavões mais caros ao coraçãozinho da plateia.

Em debate recente, o professor Igor Fuser, uma estrela do “cast” universitário esquerdista, assegurou que “não se pode julgar um regime pelo número das suas vítimas”. Dez minutos depois, desmentia-se fragorosamente ao alegar que a ditadura brasileira “perseguiu milhares de pessoas”(...)

Se o número não interessa, tanto faz se perseguiu uma, perseguiu milhares, ou não perseguiu nenhuma.

(...) e que o número de cristãos assassinados no mundo está muito abaixo dos 100 mil por ano (...)

Que é a taxa descoberta pelo Michael Rorobitz, o qual é o cara que, provavelmente, mais estudou isso, pelo menos até uns anos atrás.

(...) — subentendendo, portanto, que a ditadura foi um horror e que os matadores de cristãos nos países islâmicos e comunistas não são tão maus quanto se diz.

Ou seja, você não pode medir a maldade de um regime pelo número de suas vítimas, e em seguida ele começa a medir a maldade do regime pelo número de suas vítimas. Como é que não percebe uma contradição tão óbvia dessas? O problema não é ele cometer a contradição, é ele não percebê-la.

Mas o pior não é isso. Mesmo sem esses autodesmentidos grotescos, a afirmativa geral que os antecedeu — a mais comumente alegada por devotos comunistas empenhados em salvar a honra dos governos mais assassinos que o mundo já conheceu — é perfeitamente desprovida de sentido. Para perceber isso basta medi-la com a escala de credibilidade.

Em política, admite-se universalmente, as certezas absolutas são raras ou inexistentes.

O próprio Aristóteles já colocava a política não entre as ciências apodícticas, mas entre as ciências prudenciais, baseadas na Frònesis, que é o sentido, o bom senso, a experiência etc etc, e, portanto, limitada à razoabilidade.

O meramente possível reflete a liberdade da fantasia, o verossímil é apenas questão de opinião, gosto ou preferência. Não servem como argumentos. Resta a probabilidade razoável. Quem quer que argumente seriamente em política procura nos convencer de que a razão, com altíssima probabilidade, está do seu lado.

Todos os argumentos políticos, se eles não são mera propaganda, portanto mera verossimilhança, mera conquista de simpatias, então caem na esfera do raciocínio dialético e da razoabilidade, da probabilidade razoável.

Acontece, para a tristeza dos tagarelas, que todo argumento de probabilidade depende eminentemente do elemento quantitativo que o fundamenta explícita ou implicitamente.

Ou seja, mesmo que você não tenha uma quantidade exata para assimilar, você está supondo que é, pelo menos, mais de 51%.

Se digo que o candidato X vai vencer as próximas eleições com uma probabilidade de zero a cem por cento, não disse absolutamente nada. Tanto vale dizer que um governo é igualmente malvado se não matou ninguém ou se matou milhões de pessoas.

Quando um comunista esperneia contra o que chama de "contabilidade macabra", tem, é claro, uma boa razão para fazê-lo. Contados os cadáveres, é impossível negar que o comunismo foi o flagelo mais mortífero que já se abateu sobre a humanidade. Diante disso, só resta apegar-se ao subterfúgio insano de que o macabro não reside em fazer cadáveres e sim em contá-los.

Somando à insanidade o fingimento, a proibição de contar tem de ser suspensa quando se fala de regimes "de direita", donde se conclui que os 400 terroristas mortos no regime militar — a maioria deles de armas na mão — são um placar muito mais hediondo e revoltante do que os 100 milhões de civis desarmados que os heróis do comunismo assassinaram na URSS, na China, na Hungria, em Cuba etc."

O senso das quantidades e proporções é a exigência mais básica e incontornável não só da conduta honesta, mas da racionalidade em geral. Dissolvendo-o pouco a pouco na plateia, os fúseres da vida destroem não só a moralidade pública, mas as próprias condições elementares do funcionamento normal da inteligência humana.

Se você percebe que este tipo de modelo de pensamento — que é baseado na defesa incondicional do indefensável —, é imposto como um modelo e copiado, e se você não copia, você fica mal na fita; você percebe que isto é uma deformação profunda da inteligência que está sendo imposta dia após dia. Não é só que o sujeito esteja convencendo o cara da idéia errada; idéia errada não tem importância, desde que você conserve a inteligência para depois corrigi-la. Mas se você já danou a inteligência, já danou os processos normais de funcionamento da inteligência, então acabou: não só você se apegou a ideia errada, mas você é incapaz de aprender qualquer coisa que depois possa levá-lo a superar essa ideia.

Daí a conclusão mais ou menos idêntica do outro artigo:

Se nas universidades brasileiras há uma quota de 40 a 50% de alunos analfabetos funcionais, isso não se deve só a uma genérica "má qualidade do ensino", mas ao fato de que há décadas o discurso comunista e pró-comunista onipresente espalha, nas mentes dos estudantes, doses

maciças de estimulação contraditória e obstáculos cognitivos estupefacientes.

Eu conheço bem o repertório desses obstáculos, porque eles já se apresentaram em meu caminho também. Não com a gravidade e onipresença de hoje, mas já existiam de algum modo, em germe, quando eu estava aprendendo — mesmo os comunistas não eram tão imbecis naquela época, mas já havia ali a raiz da estupidez que ia crescer depois.

O problema, portanto, não é o conteúdo da ideia errada; o problema é inviabilizar a comparação, inviabilizar a dialética, e destruir, já na base, a possibilidade da comparação e da gradação de conhecimentos. Ou seja, sujeito não distingue entre o possível, o verossímil, o razoável e o certo, então ele não sabe absolutamente nada. E justamente porque não sabe absolutamente nada ele tem que reiterar aquilo como uma espécie de autopersuasão hipnótica. Isso não tem nada a ver com persuasão intelectual. E é por isso mesmo que discutir com essas pessoas na esfera intelectual não adianta, porque não é uma convicção intelectual, é um processo inteiramente psicoemocional, que só pode ser desativado por meios psicológicos, e não por meios de argumentação lógica etc.

Eu queria avisar o seguinte: perguntas que pedem indicações bibliográficas, sobretudo quando pedem listas, eu não posso responder na hora: às vezes preciso de um tempo para pensar, pois não tenho bibliografia pronta na cabeça; [0:50] às vezes é preciso olhar na minha biblioteca para ver coisas que eu li vinte, trinta anos atrás, que nem lembro direito. Então vou deixar sempre, sistematicamente, essas perguntas para a aula seguinte; espero não me esquecer delas.

Aluno: como manter a luz da consciência sobre esses fenômenos de doutrinação provinciana quando ultrapassa a imitação e chega a uma espécie de envenenamento hipnótico habitual na própria vivência. Quais são os sinais para autoperceber-se?

Eu acho que o primeiro sinal mais evidente é o medo de você contrariar o seu grupo de referência. Você está confundindo dois processos: um é processo do seu aperfeiçoamento intelectual e do seu aprendizado; o outro é o processo de integração numa comunidade. Você vai ver facilmente que os interesses predominantes na comunidade universitária não são interesses cognitivos ou intelectuais de maneira alguma: você vai ver que os interesses sexuais predominam amplamente e o desejo de apoio e comunhão no meio é muito mais intenso. Quando você começa a sentir o medo de perder os amigos você já está lascado.

Esses dias mesmo, eu estava lendo Espinoza e ele diz o seguinte: “não existe mais felicidade no mundo do que a convivência com homens honestos que buscam a verdade”. Isto é verdade: você ser aceito neste meio é um prêmio. É uma oportunidade que eu tive muito raramente, como a oportunidade de conversar com um David Walsh, ou com uma pessoa assim. A maior parte do tempo eu fiquei sozinho; mas sei que isso é muito bom.

Porém, o ser humano odeia a solidão — mesmo aqueles que querem a solidão, querem uma solidão controlada onde eles tenham acesso a tudo que seja necessário para sustentar a sua vida e psique. Então, esse horror à solidão faz com que a gente se venda barato, busque a integração e a afeição de pessoas que às vezes não merecem amarrar o nosso sapato, não merecem lambar a sola dos nossos sapatos. A gente precisa, de alguma maneira, de alguém. Portanto, para suportar a solidão só se você tiver muita fé em Deus e verdadeiro amor a Ele. Você precisa disso, se não, você não sobrevive.

Mas o sinal principal de que você caiu num negócio hipnótico é o medo de perder os amigos. Se você disser tal coisa, eles não vão querer mais falar com você. Um dos motivos que eu tive para fundar este Seminário de Filosofia, este curso, não foi só a formação intelectual, mas também propiciar a vocês outro tipo de convivência com pessoas que estão interessadas na busca da verdade. Aí começa a verdadeira convivência intelectual, efetivamente. Isso é evidentemente muito melhor do que você buscar a integração no meio de pessoas que só estão interessadas em Parada Gay, Marcha das Vadias ou em tomar pico — muito melhor!

Embora a maior parte dos contatos seja por internet, muitas pessoas acabam se conhecendo e aparecendo namoros, casamentos e amizades. Isso tudo é muito importante para dar sustentação. A capacidade de sobreviver absolutamente sozinho nesse meio é algo raro e isso não tem nada a ver com a capacidade intelectual. A pessoa pode ter uma resistência maior à solidão sem ser um grande cérebro.

Outro dia contei a história de um cidadão que morava no interior da Bahia que era um grande erudito em literatura, história e língua romena — um homem absolutamente sozinho no interior da Bahia. Não sei como ele sobreviveu. Não era nenhum gênio, mas era um estudioso sério e conseguiu sobreviver assim. Esta é uma capacidade rara. O indivíduo pode ser uma grande inteligência, como o próprio Espinoza, mas você precisa de amigos que estejam interessados no mesmo assunto, aqueles amigos — como dizia Santo Tomás — que querem as mesmas coisas e rejeitam as mesmas coisas. Se você não encontra esses amigos, você acaba se apegando ao que tiver no meio e aí você está lascado.

Abro uma exceção para perguntas sobre bibliografia, pois vou indicar apenas dois livros.

Aluno: estou lendo a História da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal de Alexandre Herculano como parte da leitura dos clássicos da Língua Portuguesa. O senhor poderia me indicar obras com dados atualizados da pesquisa histórica da Inquisição para complementar essa leitura?

Sem dúvidas o principal é uma obra coletiva num congresso realizado em Roma por iniciativa do papa João Paulo II que convocou especialistas de todas as áreas, de todas as religiões, e não foi um negócio confessional. Chama-se *L'Inquisizione*, é um livro de mil páginas. É o melhor que existe, pois é o mais atualizado. Um pouco antes disso, sugiu o livro do Henry Kamen *The Spanish Inquisition*, este livro é também muitíssimo importante. Muito da concepção do Alexandre Herculano assim como do Henry Lee — que é o clássico aqui dos americanos ao fim do século XIX e começo do XX —, também são concepções amplamente mitológicas derivadas de fontes protestantes.

Aluno: Sou de Portugal, vivo em Lisboa. Como posso arranjar os seus livros?

Se você escrever para a Vide Editorial, pode encomendar na página da editora: www.videeditorial.com.br. Eles mandam os livros para você. Você tem também a livraria do Seminário de Filosofia. Acho que ele não tem problema nenhuma de exportá-los para a Europa.

Aluno: Tenho lido em alguns autores que a filosofia escolástica foi sofrendo alterações ao longo do tempo e que já para os finais da época medieval, tenha se cristalizado de tal maneira que o resultado foi uma filosofia de algum modo deturpada. Um dos argumentos que li acusava a

escolástica de ter se tornado rígida e que as categorias de Aristóteles são um ficcismo que impedem a compreensão de uma realidade mais dinâmica e móvel.

Não é bem uma realidade mais dinâmica e móvel, mas certas sutilezas e problemas que apareceram na época em que o pessoal escolástico já não sabia lidar. Por exemplo, quando surgiu a objeção à teoria das substâncias: Aristóteles dizia que aquilo que existe realmente são substâncias; ele definia como substância aquilo que não é nem parte nem atributo de uma outra coisa e que a substância se caracterizava por sua individualidade.

Daí surge o problema de que se existem coisas as quais isso não se aplica como, por exemplo, a água. Ela é uma substância só ou existe uma individualidade da água? Esse problema é fácil de resolver, mas na época foi uma dor de cabeça. A inabilidade que demonstraram para tratar dessas questões criaram um certo descrédito da filosofia escolástica, questão que Duns Scot ou Santo Tomás de Aquino tirariam de letra.

Mas na maior parte dos casos pode ver que não houve efetivamente um confronto entre a filosofia moderna e a filosofia escolástica. A filosofia moderna simplesmente mudou de canal: começou a falar de outros assuntos e outros temas que os filósofos escolásticos não estavam muito interessados. Por exemplo, quando começaram a enfatizar a importância dos critérios quantitativos, das quantidades, que os escolásticos consideravam uma questão menor. Em quê você enfatizar as quantidades elimina ou impugna a teoria da substância? Em absolutamente nada. É apenas um outro aspecto que está sendo discutido.

Muito da filosofia escolástica que foi jogado fora foi depois reestabelecido por Leibniz. Acho que não há comparação entre os grandes filósofos escolásticos e os primeiros gigantes da modernidade, inclusive Descartes e Espinoza. Às vezes eles mostram uma inabilidade pior que a daqueles que estão condenando, pois a que eles apontam existem mesmo, mas a deles é muito pior.

Aluno: Quanto tempo um aluno, na sua opinião, deve estudar?

Não mais do que duas ou três horas por dia. Nunca. Esse negócio de “estudar quinze horas por dia”, se você tiver muita prática, quando chegar aos sessenta anos, você consegue estudar cinco ou seis horas. Não vai passar disso. Aristóteles já dizia que você tem de exercitar a inteligência moderadamente. Nunca estude ou leia nada que você não esteja disposto a guardar na sua cabeça pelo resto da vida. [1h00min] Se for só para ir lendo, você apenas está entupindo a sua cabeça com recordações confusas. Então, moderação. Vá devagar. Uma hora por dia é muito bom. Se você estudar uma hora por dia, você não vai esquecer nunca mais

Aluno: A psique hoje está submetida a uma tensão maior do que a que os nossos avós sofriam (...)

Isto é pura verdade.

(...) devido à uma influência negativa do meio em que vivemos. Estaríamos nós tendo uma tensão pré-ruptura, fazendo um paralelo com a resistência dos materiais, onde os materiais tendem a romper.

Sem a menor sombra de dúvidas. Isso está acontecendo e chama-se, inclusive com um nome técnico, psicose informática; e outro nome técnico, que é estimulação contraditória. É a famosa experiência do Pavlov: você pega um cachorro e o treina para quando toca uma campainha, aparece um pedaço de carne, quando toca outra campainha, ele leva um choque e

fica acostumado: “essa campanha é boa e aquela é ruim”. Depois que ele acostumar você troca. O cachorro fica completamente doido e começa a atacar o dono e a lamber a mão das pessoas desconhecidas — o cachorro endoida.

A partir dessa experiência inicial, foram se desenvolvendo experiências muito mais complexas que estão descritas no livro do Leon Festinger, *A Teoria da Estimulação Contraditória*. Há muitos outros livros sobre isso. No fim se condensa naquilo que ele chama de Psicose Informática, onde o bombardeio de informações não processáveis faz com que sua mente ceda — sua imagem é perfeita sobre a resistência dos materiais, você vai dobrando até quebrá-los. A mente se torna passiva e aceita qualquer coisa, não está mais interessada na verdade. Assisti outro dia uma entrevista horrorosa de uma menina na França que entrou numa dessas seitas tipo reverendo Moon, ou Rajneesh sei lá o que, e, depois de sofrer esse tipo de ataque psicológico durante anos a fio, ela olhava assim com uma cara de boba e dizia: “não, eu não quero mais saber a verdade”. Ela se desinteressou, simplesmente. Isso realmente acontece. Está muito bem observado isto aqui.

Aluno: Quando começaram os primeiros movimentos revolucionários?

Eu já me perguntei muito sobre isto, mas acho que foram aquelas rebeliões religiosas do século XIV. Aquilo é um negócio pequeno, porém você vê que a idéia central é que “nós somos um grupo iluminado, Deus nos ungiu, e estamos aqui para consertar o mundo; e quem não quiser ser consertado, nós vamos matar”. Essa idéia já está lá, perfeita. Depois ela desaparece e reaparece em várias circunstâncias. Um livro muito interessante sobre isso é o de Ronald Knox, Chama-se *Entusiasm*. É a história de uma dessas heresias de pessoas entusiasmadas com a sua própria santidade. Eric Voegelin gostava muito desse livro e eu também estou recomendando.

Aluno: Depois de assistir a um debate entre um tal de Paulo Kogos, libertário conservador, comecei a me perguntar sobre a propriedade, pois como foi dito no debate, o Rothbard dispõe o direito a propriedade privada como o direito principal. Mas o que seria a propriedade ontologicamente?

Existem dois sentidos. Se você fala propriedade em lógica, é algo que não faz parte da essência de um ser, mas que está sempre presente nele como, por exemplo, a capacidade que temos de aprender matemática. Não faz parte da definição, mas todo ser humano, em princípio, tem essa capacidade. A capacidade de dar leite não faz parte da definição de vaca: faz parte que ela tome leite, mas produzir leite não — geralmente elas produzem, mas às vezes ela pode falhar. Uma vaca que seja incapaz de dar leite, não deixa de ser vaca por isso, mas é o caso que Aristóteles chama privação, ou seja, há um defeito accidental.

No sentido econômico, a propriedade é algo sobre o qual se estende um poder seu que não é contestado por outras pessoas. Algo que você pode em princípio manejar e usar para as suas próprias finalidades. Ter propriedades é, de fato, natural no homem; porém dizer que a propriedade é o primeiro direito natural, isso é um problema para mim. Se você não tem o direito à existência, o próprio direito à vida, como você vai dizer que a vida é uma propriedade? Não, a vida é um pressuposto da propriedade. Quem não existe, não tem propriedade alguma. O direito à existência teria de ser predominante.

Agora, você dizer que a vida é uma propriedade, isto é uma metáfora, uma figura de linguagem, não é uma coisa exata. O sujeito pode argumentar assim para enfatizar a importância da propriedade: “a propriedade é tão importante que é o principal direito

natural”. Retoricamente funciona, e, usando esse argumento para contestar teorias econômicas absurdas, como quando aparece propriedade pública de tudo, isso vale, mas filosoficamente é meio capenga. Esse é o problema com o pessoal liberal e libertário: às vezes, as teorias que eles se apegam são mais capengas do que eles imaginam. Eles se apegam a John Locke, se apegam a Ayn Rand. O Rothbard, em economia, é um gênio extraordinário, mas não acredito que ele seja uma mentalidade filosófica suficientemente sólida para isso. Portanto, quando proclama que a propriedade é o primeiro direito natural, ele já cria uma resistência, que é uma resistência justa. Então, pode funcionar retoricamente, como pode o tiro sair pela culatra.

Aluno: No hangout com o Gugu, ele mencionou que ciência política exige experiência, pois nela o estudioso lida com o plano dos fatos e não só com construções teoréticas. Além de uma ampla experiência da vida direta, e da leitura dos clássicos da literatura, experiência indireta, penso que o domínio da história — a ciência humana mais antiga e com método mais evoluído — seria um passo necessário para um estudante de ciência política e ciências humanas.

Sem a menor sombra de dúvida. A história é o estudo essencial. Eu só sugiro que o indivíduo comece pela literatura porque a literatura cria os esquemas imaginários, os modelos de vida humana, para você comparar. Você primeiro amplia a imaginação para depois você tirar mais proveito da leitura da história.

Por exemplo, muitas escolas aqui nos Estados Unidos usavam antigamente este método — não sei se usam ainda, hoje acho que não mais — de descrever uma situação histórica e colocar os alunos na posição dos personagens envolvidos. Você é, por exemplo, Napoleão, Thomas Jefferson ou Catarina, a Grande e a situação é esta, que decisão você toma e por quê. É um processo teatral. Eu mesmo fui estudar teatro com Eugênio Kusnet não porque eu quisesse ser ator — eu poupei a humanidade das minhas execráveis performances e estariam jogando tomates em mim até hoje —, mas porque queria aprender aquele processo de impregnação empática com personagens muito diferentes de mim. Isso aí eu aprendi, mas não aprendi a imitar a coisa fisicamente. Quando eu informei o Kusnet de que não queria ser ator, ele ficou muito aliviado.

Esses processos só podem ser aprendidos na literatura, e a leitura da história, depois, ganha muito com isso. Porque o personagem real é um personagem de literatura também: você não está conhecendo Napoleão Bonaparte pessoalmente, mas através de narrativas que são feitas desde diversos pontos de vista. Tem gente que considera Napoleão Bonaparte um monstro e outras que o consideram quase um santo — e assim por diante. Você precisa aprender a se impregnar desses vários pontos de vista para você sentir o drama. O que é sentir o drama? É você perceber justamente as contradições da situação, as tensões que a vida humana real impõe a personagens reais. Eu acho que para as ciências sociais e a ciência política em particular, a história é a leitura essencial. Você tem de ler história o tempo todo. Se você for ver aqui, eu tenho mais livro de história do que de filosofia. Não só a história passada, mas a história contemporânea. No meu escritório tem uma estante inteira sobre o debate político americano atual, que é história contemporânea, onde você tem muito mais conflito; mas são depoimentos, são coisas que você tem de saber.

A palavra história — ela vem de uma raíz que não me lembro — quer dizer conhecimento em si mesmo. [1h10min] A memória dos tempos passados e a memória das situações possíveis, fictícias, que você ouve, vai criar a base de uma inteligência que funcione na realidade. Acho que o sujeito que só tem cultura filosófica não tem cultura nenhuma. Ele está só lidando no

mundo das idéias, das possibilidades teóricas: é só abstração. Você estudou tudo isso? Então analise isto aqui e me diga o que está acontecendo de fato. A pessoa não consegue.

Tem um aluno que diz que estudou muito a percepção do espaço em Arquitetura e engoliu lá um monte de teoria idiotas de semiótica e que na aula 15 do COF:

Aluno: O senhor expõe com extrema clareza o problema complicadíssimo através da abordagem de Husserl, autor até então ignorado nas universidades tupiniquins.

Bom, Husserl já foi muito estudado em outras épocas, mas depois passou. Existem dois ou três professores que ainda conhecem muito bem Husserl no Brasil, mas na média das universidades as pessoas não são capazes de lê-lo. Husserl é um problema terrível, porque ele sabia taquigrafia, portanto pensava por escrito, e, além disso, tinha formação matemática, então ele era morbidamente analítico, e ficava analisando cada detalhe. Tem de ter muita paciência para não perder o fio da meada. Tem de ser lido como uma demonstração matemática. Você pula um pedaço e não entende o seguinte. Acho que as pessoas não têm concentração suficiente para ler isso.

Até semana que vem. Muito Obrigado.

Transcrição: Felipe Vitorino, Odiron Jônio de Souza e Evandro Santos de Albuquerque
Revisão: Giuseppe Chiappetta